

entrevista

ENTREVISTA COM LUIZ DE CASTRO FARIA

REALIZADA EM NITERÓI NO DIA 9 DE AGOSTO DE 2001.

ANA PAULA MENDES DE MIRANDA
MELVINA AFRA MENDES DE ARAÚJO

Apresentação

Luiz de Castro Faria construiu uma carreira acadêmica de mais de 60 anos como Professor Emérito da UFRJ e da UFF, sua trajetória se confunde com a constituição da Antropologia no Brasil. Foi o fundador e o primeiro presidente da Associação Brasileira de Antropologia; no início dos anos 50 trabalhou no *Institut d’Ethnologie de l’Univeristé de Paris* e na cadeira de Antropologia do *London College*, em Londres.

Suas histórias são conhecidas mesmo por aqueles que não compartilharam de seu convívio por serem constantemente narradas por muitos de seus ex-alunos. Entrevistá-lo representou um desafio: fazê-lo falar não apenas sobre suas memórias - dentre as quais figura sua participação na expedição à Serra do Norte, em 1938, com Claude Lévi-Strauss-, mas sobre a prática antropológica, da qual ele jamais se afastou, mesmo se declarando um militante da Antropologia em recesso.

Cercado por seus livros, Castro Faria conversou durante uma tarde sobre os prazeres e afazeres dessa ciência feita de sedução – a Antropologia – traduzida principalmente pelo trabalho de campo e pelas viagens, que proporcionam a

percepção de diversas experiências em transformação.

Seu depoimento reafirma o papel de testemunha, ou melhor, de “praticante” voluntário de um campo em construção. Dentre as muitas formas de fazer Antropologia experimentadas, Prof. Castro Faria sempre teve como linha o pensar criticamente sobre a produção acadêmica, sabendo que o bom pesquisador sempre está disposto a aprender.

APRENDENDO A FAZER ANTROPOLOGIA

Cadernos de Campo: Nós gostaríamos que o senhor falasse sobre sua iniciação na Antropologia e no trabalho de campo.

Prof. Castro Faria: Em geral, todos se interessam pela expedição de 1938. Nós estamos em 2001, eu estou com 88 anos, e a questão da idade é extremamente importante. Eu sempre fui muito solicitado para falar da Expedição com Lévi-Strauss. A primeira coisa que eu digo aos alunos é: “Olha! Eu tinha 24 anos, estava iniciando a minha carreira, Lévi-Strauss é um pouco mais velho, mas também não era ninguém, estava começando a carreira”. Esse ponto é fundamental, porque, em geral, os alunos, quando falam da minha presença na

Expedição com Lévi-Strauss, pensam em Castro Faria de hoje e Lévi-Strauss de hoje. O ano de 1938 marcou o início da nossa profissão de fé antropológica, o batismo, a iniciação, a viagem demorada pelo interior do Brasil, fazendo contato com tribos indígenas. Era tudo novidade, não só para mim, mas para ele também. Eu advirto sempre a quem ouve as minhas comunicações, que não se iludam, porque eu era um rapaz de 24 anos tentando ser antropólogo. E o Lévi também, ele era professor de São Paulo, mas não tinha nada publicado, não tinha ainda carreira definida. Ele era uma pessoa muito diferente, em termos de preparação para a carreira. O Lévi-Strauss é um *normalien*, é formado em Filosofia, habituado à reflexão, mas sem muito treinamento para viagens, com todas as dificuldades que são criadas.

O professor Lévi não teve muita sorte, porque quando ele voltou para França encontrou a Europa atingida pela guerra. Isso prejudicou muito a apresentação que ele gostaria de ter feito de todos os trabalhos da viagem, que foi longa. Nós começamos em Cuiabá e saímos no Amazonas, atravessamos o Brasil inteiro, a chamada Linha Telegráfica Estratégica do Mato Grosso ao Amazonas, feita pelo Rondon. Quer dizer, havia uma trilha, havia um caminho, havia estações telegráficas, havia postos telegráficos, no mais era deserto. Eu sempre lembro e levo as pessoas a pensarem nisso, um dos lugares mais fotografados por mim e que nós levamos uns seis meses para alcançar, chama-se Vilhena; hoje você vai de *Boeing*, Vilhena é uma cidade de mais de 80 mil habitantes. Quando nós chegamos lá, só havia uma casa, a casa do telegrafista.

Eu voltei para o Rio de Janeiro para começar a carreira no Museu Nacional. Eu fui uma pessoa com uma carreira muito

especial, porque eu comecei no Museu Nacional. Desde cedo, quando fui à Expedição, fui como representante do Museu.

Cadernos de Campo: Quanto tempo durou a expedição?

Prof. Castro Faria: Quase um ano, eu saí em julho do Rio, Lévi-Strauss saiu de São Paulo, nos encontramos em Cuiabá e depois atravessamos de Cuiabá ao Amazonas, atravessamos o Brasil inteiro. Foi realizada uma exposição de fotos minhas de 38 aqui no Museu Nacional numa primeira vez, depois foi reproduzida no Museu de Astronomia. Agora, o Conselho [CNPq] resolveu financiar grande parte de um livro só de fotos e um diário de campo, o diário escrito por um jovem de 24 anos, que eu nem tive nem coragem de ler! Estava tudo guardado e uma professora, colega minha, foi minha aluna, minha orientada, depois fez doutorado em São Paulo, é especialista em História da Ciência, professora Heloísa [M. B. Domingues], ela é pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa e está trabalhando no Museu de Astronomia e Ciências Afins. Um belo dia descobriu o meu diário e as fotos. Fizeram exposições de grande sucesso, todo mundo ficou encantado e ela conseguiu o que eu nunca consegui, que foi ler o meu diário de campo.

Cadernos de Campo: O senhor poderia falar sobre sua carreira no Museu?

Prof. Castro Faria: Eu sempre cito as designações oficiais porque elas esclarecem muitas coisas. Quando eu fui para a Expedição, eu era “praticante gratuito” do Museu Nacional e pouco depois eu fui promovido a “assistente voluntário”.

Dinheiro nada! Mas é uma tradição mundial, há profissões que não estavam na universidade, uma delas era a Antropologia. Não sei se vocês sabem isso, mas a Faculdade Nacional de Filosofia era onde se ensinavam as matérias que nenhuma universidade ensinava, porque as universidades eram para os profissionais liberais, elas formavam médicos, engenheiros, advogados. A Antropologia não tinha lugar na universidade, nem as outras ciências. O Museu Nacional, que é de 1818, sempre teve zoólogos, botânicos, geólogos, mas nada tinha haver com a universidade. Essas ciências estavam em outras instituições, como os museus. A Faculdade de Filosofia que vocês hoje conhecem em termos de organização e de experiência pessoal, só surgiu no Brasil em 1940 com um Decreto-Lei de Getúlio Vargas e Gustavo Capanema. Essa lei estipulava que todas as instituições denominadas Faculdade de Filosofia deveriam seguir o mesmo programa e todas se submeteram, inclusive a USP. Só a partir de 1940 que a universidade passou a abrigar várias ciências, as ciências naturais, quase todas, e a Antropologia. É um documento que eu acho que todos deviam ler hoje, porque é impressionante como é que um governo ditatorial criou essa instituição que se chamou Faculdade Nacional de Filosofia e estabeleceu que todas as Faculdades de Filosofia tinham que seguir todas as disciplinas na ordem em que eram impostas pela lei.

Cadernos de Campo: Como isso aconteceu na prática? Todas as faculdades funcionaram da mesma forma?

Prof. Castro Faria: Sim, todas da mesma forma. A USP, por exemplo, que tinha sempre uma pretensão à independência, teve

que seguir, porque senão não poderia funcionar. O problema é que esse Decreto criou 42 cátedras e havia um artigo da lei determinando que todas teriam que seguir o padrão estabelecido por essa lei.

Essa lei criou a cadeira de Antropologia cujo lugar, até então, era o Museu Nacional, o Museu Göeldi e o Museu Paulista, que publicavam sobre Antropologia e tinham Antropologia feita por formados em qualquer curso superior que tivessem interesse pela disciplina. Não havia, portanto, no Brasil, em universidade nem em curso superior, nenhuma disciplina de Antropologia.

Por esse Decreto de 1940, o primeiro ano era Antropologia Física, depois era Etnologia Geral e, no terceiro, era Etnologia do Brasil. A USP teve, desde o começo, dois professores, um de Antropologia, que era o professor Egon Schaden, que ensinava de acordo com a tradição européia, era a chamada de Antropologia Física, estudo de raças, que não tinha nada a ver com o que, hoje, os jovens alunos pensam que seja Antropologia. O outro era de Etnologia Geral, o professor Plínio Airoso, o homem do Tupi, que deixou uma quantidade de trabalho sobre o Tupi, o Tupi histórico, baseado em cronistas.

Cadernos de Campo: Como o senhor aprendeu a fazer Antropologia?

Prof. Castro Faria: Como assistente voluntário. Era um sistema antigo, que vigorou aqui, na Europa, em toda parte. Alguém interessado aproximava-se de um profissional competente e ficava ao lado dele como estagiário.

Cadernos de Campo: De quem o senhor era assistente?

Prof. Castro Faria: Eu era assistente de três, Heloísa Alberto Torres, que fazia Arqueologia; Raimundo Lopes, que fazia Etnologia e José Bastos de Ávila, que fazia Antropologia Física. A gente passava a trabalhar ao lado desses especialistas e ia aprendendo e ajudando a fazer. Eu fiz muita coisa para o Museu: desenhos, preparação de material para aula. Esse sistema foi universal, porque as universidades não davam nenhum apoio a essas disciplinas, nem aqui, nem em lugar nenhum no mundo.

Cadernos de Campo: Qual era a sua formação, professor?

Prof. Castro Faria: Eu fiz dois cursos que hoje mudaram de lugar, estão nas universidades, mas na época não estavam, estavam em instituições do Ministério da Educação. Um deles chamava-se de Biblioteconomia. Eu o fiz ainda na Biblioteca Nacional e era um curso extraordinário, fora do comum, pelas matérias, pelas disciplinas. O outro foi Museologia também feito, na época, no Museu Histórico Nacional. Esses dois cursos me aproximaram cada vez mais do Museu Nacional e da prática da pesquisa, trabalhando com os pesquisadores do Museu Nacional. Esse é um sistema que ainda está em vigor, no Museu ainda existe o local de estagiário. É uma maneira de qualificar a pessoa.

Cadernos de Campo: Quando o senhor voltou da Expedição, continuou trabalhando como praticante?

Prof. Castro Faria: Sim, até chegar a época de fazer concurso. Fui nomeado interino durante algum tempo e depois

fizemos concurso, ainda no tempo do DASP, uma fiscalização terrível. Vou mencionar um fato, que talvez vocês não tenham percebido, porque não foram de forma alguma atingidas por esse ato discricionário, um ato do governo ditatorial. Vocês já ouviram falar na desacumulação? Até 1937 os profissionais, sobretudo, os profissionais liberais, ocupavam dois, três, quatro, cinco lugares, porque não havia nenhuma restrição a esse sistema. Getúlio Vargas, na Constituição outorgada de 1937, resolveu, com um simples termo aditivo das Disposições Transitórias, ele aboliu isso no Brasil inteiro. O Museu, inclusive, foi atingido. As avaliações não são concordantes. Eu sempre defendi a desacumulação, fui por mais de 10 anos membro do Conselho Universitário da Universidade, sempre defendi um ponto de vista contrário ao da maioria dos colegas, que acharam que isso tinha sido um prejuízo para as instituições científicas do Brasil - aqui no Rio, sobretudo o Instituto Oswaldo Cruz e o Museu Nacional - e eu sempre achei ao contrário, porque, inclusive, eu fui nomeado interino para vaga de um professor do Museu Nacional, que acumulava um lugar de professor de Grego da Faculdade Nacional de Filosofia. É claro que ele optou, como todos os outros, pela faculdade, porque na faculdade, os catedráticos, se quisessem, não davam aula, tinham assistentes que o faziam. Era muito menos tempo de trabalho, o Museu obrigava a oito horas de trabalho. Os professores catedráticos faziam a carreira em termos de publicações, participação em instituições científicas, eles não tinham obrigação maior com o ensino. Enfim, houve a desacumulação. O Museu esvaziou, porque os da área de Geologia eram quase todos professores da Politécnica, os da área de

Botânica e de Zoologia, em geral, eram de Medicina ou de cursos próximos, Farmácia, etc. O Museu hoje está dentro da universidade e tem curso de pós-graduação em Zoologia, em Botânica, em Antropologia. Naquela época não tinha nada haver com universidade, nem tinha cursos, o que nós fazíamos era pesquisar.

Cadernos de Campo: Não tinha cursos?

Prof. Castro Faria: Não. Podia ter, dependia de cada um decidir dar cursos. O Museu sempre teve cursos, mas eram cursos oferecidos pelos pesquisadores de lá. Roquette Pinto, por exemplo, era um sucesso como professor, dava cursos de Antropologia. Bastos de Ávila dava cursos de Antropologia, que eu criticava porque eram quase sempre cursos de Antropometria.

Cadernos de Campo: Como foi a sua carreira na UFF?

Prof. Castro Faria: Eu fui, por 50 anos, professor titular de Antropologia da UFF, porque no Museu eu não tinha compromisso de ensino. Eu fiz 50 anos há dois anos passados, para contar de verdade desde minha convocação para ir a uma Congregação da Faculdade Fluminense de Filosofia, Ciências e Letras para tomar posse da cadeira, depois fui submetido ao Conselho Superior de Ensino para ser autorizado a ensinar Antropologia. Na época era professor catedrático de Antropologia. Todo mundo da UFF foi meu aluno. Eles não se esquecem. Ainda hoje eu recebo convites para seminários, teses... Eles me mandam tudo, mas eu não vou mais, não tenho mais condições. Mas tem um aluno

da pós-graduação que trabalha comigo aqui em casa.

DISPOSIÇÃO PARA ENSINAR

Cadernos de Campo: O senhor poderia falar um pouco sobre a formação dos seus alunos? Quem o senhor formou das novas gerações de antropólogos?

Prof. Castro Faria: Bom, não há lugar hoje no Brasil onde não exista um aluno do Castro Faria. Eu não falo porque eu sou professor, é porque eu sou citado a torto e a direito por aí. Kant foi meu aluno [Roberto Kant de Lima], o Mello [Marco Antonio da Silva Mello]. Eu passei os quatro últimos anos, quatro anos formidáveis, dando curso para a pós-graduação da UFF e comendo picanha na tábua.

O primeiro curso, tinha o nome de Representações do Brasil, que é um tema quase que permanente nas minhas reflexões. Eu dava cursos no Museu Nacional sobre pensamento social brasileiro, eu estudava todos os autores que tinham tentado explicar o Brasil. Esse curso que eu dei na UFF foi o primeiro, chamava-se “Representações do Brasil: Retratos e Caricaturas”. Pela primeira vez, eu incluí as caricaturas daqueles autores que tentaram explicar o Brasil usando o recurso da caricatura, do humorismo. Há um livro que me agradece logo nas primeiras linhas por ter aprendido o valor da Antropologia, é um livro de Jorge da Silva¹. Eu acho que fui um professor capaz. Sempre fui criativo, esses quatro anos que eu passei na pós-graduação da UFF, eu criei uma quantidade de coisas, criei, inclusive, uma instituição, chama-se NUFEP – Núcleo

¹ SILVA, Jorge da. *Violência e racismo no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1998. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 14).

Fluminense de Estudos e Pesquisas, ganhei uma sala, sala 205, é onde hoje trabalha o professor Kant, criei uma série de publicações sobre pesca. Enfim, eu sempre fui muito ativo, sempre criei coisas. Então, realmente como professor de Antropologia, eu acho que foi tudo muito bem.

Cadernos de Campo: O que o senhor pensa sobre a cultura jurídica e burocrática brasileira? Como ela pode ajudar a pensar essas representações sobre o Brasil?

Prof. Castro Faria: Isso é um problema extremamente complexo. Nós estivemos em um congresso sobre Direito lá em Santa Catarina, fomos vários daqui... O que eu penso é que a área do Direito não tem capacidade de auto-reforma, ela está muito solidificada, o formado em Direito está convencido de uma série de coisas que ele considera fundamentais e que são todas tolices. O ensino de Direito tinha que ser completamente reformulado, mas com pressão de fora, auto-reforma eles não fazem. Eles precisam de auxílio de outros grupos, de antropólogos inclusive, como o Kant, porque auto-reforma eles não fazem, não podem fazer. O número de faculdades de Direito é imenso e o Direito é muito corporificado, muito estratificado, as coisas que são ditas são quase sagradas. Há, portanto, uma resistência muito forte quando se tenta mudar alguma coisa. É uma área difícil, difícil para o Brasil, porque é preciso mudar, evidentemente, mas não se sabe ainda como. Eu dei um curso na UFF, cujo nome era “O Poder do Direito e o Direito de Poder”. Todos ficaram muito curiosos. De onde eu tinha tirado essa idéia do “direito de poder”? Eu estava baseado em leituras de jornais recentes do Rio de Janeiro. Existe uma coisa tradicional no mundo

inteiro, que chama “Direito de Rolha”. De acordo com esse direito, entre aspas, eu posso ir a um restaurante qualquer, o mais chique do mundo, e levar o meu vinho, o vinho que eu quiser. Pago uma cota, mas chama-se o Direito de Rolha. Ninguém pensou em negar. Aqui no Rio, no tempo que eu dava o curso, um milionário quis levar o vinho dele para o restaurante, o restaurante não admitiu. Ele constituiu o advogado mais caro do Rio de Janeiro para ter o direito de levar para o restaurante o vinho dele e beber desse vinho. Está aí o “direito de poder”. Mais tarde eu fiquei felicíssimo, eu fui dar aula rindo, porque na França, estava em discussão, no momento, com grande agitação na imprensa, queriam proibir de atirar os anões do canhão, o “direito de arremesso”, queriam protestar porque disseram que era humilhante. Os anões, danados da vida, não viam nada de humilhante, eles vivem disso, acham que é uma forma de esporte como outra qualquer. É o “direito de arremesso”, é atirar um anão com aqueles canhões de circo. Era a justificativa do curso o “Direito de Poder”.

Cadernos de Campo: O que o senhor considera básico para a formação em Antropologia?

Prof. Castro Faria: Há uma coisa que, hoje, vocês novos se habituaram e que não era comum: é a leitura. Eu sempre chamei a atenção dos que estavam organizando cursos de pós-graduação que a questão fundamental é a leitura, é a biblioteca. Não pode haver pós-graduação sem uma biblioteca especializada, o resto todo é farsa. Por exemplo, o Museu tem uma biblioteca antiga de mais de um milhão em livros, a biblioteca tradicional do Museu Nacional, e tem a biblioteca do programa do PPGAS – Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social, biblioteca enorme, com livros que chegam à medida que o professor precisa e programa. Nenhum curso desse PPGAS funciona sem a bibliografia toda exposta numa estante à disposição dos alunos. O professor sabe que se a biblioteca do Museu não tiver o livro, ele tem que trazer o dele e colocar lá na estante para uso dos alunos. O problema da Antropologia, acho que em qualquer ciência, qualquer ramo de conhecimento, o problema fundamental é a consulta bibliográfica. Hoje a coisa vai mudando, eu não tenho acesso a *internet*. Vocês estão vendo aqui, uma máquina mecânica, eu não tenho computador, não tenho nenhum interesse em computador. É uma luta, todo mundo insiste que eu compre um computador e eu cada vez fico mais teimoso, não quero saber de computador nenhum, eu não posso mais perder tempo em aprender a lidar com o computador. Mas, veja bem, pós-graduação sem uma biblioteca especializada é farsa.

Cadernos de Campo: O que se pode efetivamente ensinar de Antropologia na graduação?

Prof. Castro Faria: Eu acho que todas as graduações, todas, sem exagero, são muito deficientes. A de Antropologia também é deficiente. Depende, é claro, da pessoa que exerce o ensino, mas parece que até hoje muita gente ainda não desconfiou que essa Lei de 1940 que ampliou as Faculdades Nacionais de Filosofia, Ciências e Letras, provocou a criação no Brasil inteiro, de norte a sul, de Faculdades de Filosofias e Ciências, sem o curso de ciências. Ensinar ciências é caro, exige laboratório, exige instrumentos, exige material de consumo. As faculdades que surgiram com esse nome no Brasil, primeiro, eram quase todas instituições

religiosas e, para a Igreja, o que interessa é a pedagogia, a filosofia. Eles não estão interessados em ciências. Os cursos de ciências são muito caros em termos de instalação, de equipamentos e a dificuldade de ter professores com competência suficiente. Eu fui o primeiro catedrático de Antropologia na Faculdade Fluminense de Filosofia e Ciências. Era uma instituição muito ligada à Igreja. O diretor, uma pessoa excelente, muito meu amigo, tinha dois irmãos bispos e uma irmã freira. Eram instituições sempre vigentes e desenvolvidas à sombra da Igreja, com a proteção da Igreja e de instituições religiosas. Hoje a coisa vai mudando, vocês hoje podem sair daqui por *internet* e fazer pesquisas e procurar, pode ser que eu esteja lá, quem sabe?!

Cadernos de Campo: O senhor pensa que é possível se formar um mestre em Antropologia em dois anos fazendo trabalho de campo? Considerando que, hoje em dia, várias pesquisas não trabalham mais com o modelo clássico de trabalho de campo e também tem a atual política acadêmica dos prazos, das bolsas.

Prof. Castro Faria: Já soube que ficou reduzido há um tempo mínimo. O que eu penso é muito simples: eu acho que os tempos tinham que ser reduzidos, porque era um absurdo um mestrado em quatro anos. Em primeiro lugar, eu acho que o Brasil precisa destruir esse mito da pós-graduação como salvação da graduação, isso é um absurdo. Quem quer fazer Antropologia, faz com essas deficiências, porque para se fazer profissional em alguma coisa, o que é preciso é gostar daquilo, é ler, é trabalhar, é participar de projetos, etc. Há alguns anos atrás fazer um trabalho de campo era uma matéria complexa, que

dependia principalmente do próprio pesquisador, mas não havia maiores dificuldades. Hoje as tribos indígenas no Brasil estão com antenas parabólicas e máquinas fotográficas de todo tipo. É preciso levar em conta que desapareceu simplesmente aquele índio das nossas tradições, porque esse índio está vivendo em contato com a sociedade nacional e tem tudo. Não há mais aquele índio. Vocês devem ter a idéia de que a Antropologia teve como um dos seus objetivos, e isso deformou muito o conhecimento, o colecionamento, fazer coleções para museus. Em alguns casos, inclusive, esse colecionamento se converteu em uma moeda, em um valor. Fazer coleções e vender coleções se tornou um comércio comum. Agora, quem é que vai fazer coleção com indígenas hoje? Vai colecionar o quê? O índio tem antena parabólica, tem máquinas fotográficas, tem tudo. Não tem o que colecionar. O colecionismo que prejudicou muito a Antropologia, praticamente desapareceu.

Cadernos de Campo: Professor, o senhor fala das influências da Antropologia Física, da Arqueologia, da Geografia Humana na formação da Antropologia. Agora, na nossa formação, a gente não vê mais essa multiplicidade de influências, nós não trabalhamos mais com a Geografia, ou trabalhamos muito pouco, de Arqueologia a gente não tem a menor noção, a Antropologia Biológica a gente não ouviu falar muito...

Prof. Castro Faria: A Antropologia vem dentro de um quadro social que se modifica. Quando eu comecei ensinar Antropologia, meus alunos todos estavam preocupados em terminar no menor prazo

o curso para arranjar um emprego de professor. Era grande a ambição, na época, de qualquer moça, de qualquer rapaz para ser professor de ensino médio. Ganhava-se muito bem. As escolas eram preparadas para formar profissionais para ganhar dinheiro como professores. O problema que se vê hoje é que o quadro de professores é completamente desqualificado. Ninguém está mais interessado. É um problema de mercado de trabalho. Naquela época, bastava um diploma. Eu tive uma aluna, boa aluna, aqui na Faculdade Fluminense de Filosofia, cujo pai era massagista do Getúlio Vargas. Mal ela se formou e foi nomeada professora de ensino médio do Rio de Janeiro. Esse era um senhor cargo!

Cadernos de Campo: Como o senhor vê hoje o campo de trabalho do antropólogo? Quais são as perspectivas de um antropólogo formado?

Prof. Castro Faria: Eu acho que são cada vez mais difíceis por causa da competição. Nós temos hoje vários cursos de pós-graduação com mestrado e doutorado, com diferentes qualificações. Há hoje, uma competição bastante forte, não basta fazer mestrado e doutorado. É um problema brasileiro difícil de remover. A Faculdade Nacional de Filosofia foi criada para formar professores que salvassem o ensino médio, continuam a formar mestres, doutorandos, mas a salvação do ensino médio, evidentemente, não está dependendo disso, porque existem uma quantidade de fatores diferentes, inclusive, problemas de políticas de governo. Se a política de governo não remunera adequadamente o professor, não adianta ter mestrado,

doutorado, coisa nenhuma. Não vão conseguir mudar nada. Uma profissão tem que estar necessariamente ligada ao mercado de trabalho, é preciso saber se esse mercado existe e se esse mercado é compensador. A Antropologia está passando por um problema: não existe mais um mercado. Professor de Antropologia teria um mercado bastante acolhedor em termos de ensino, mas ensinar antropologia aonde?

DISPOSIÇÃO PARA APRENDER

Cadernos de Campo: Pensando um pouco no trabalho de campo, fica muito clara a importância do trabalho de campo como fundante de uma formação e de uma tradição da Antropologia...

Prof. Castro Faria: Você tem toda razão, você percebeu um fato que é absolutamente verdadeiro, por mais que esteja se modificando atualmente. Basta ver o programa de pós-graduação do Museu Nacional, que é o mais qualificado do Brasil, há muitas teses, sobretudo de doutorado, com trabalho de campo, mas há outras que são trabalhos bem elaborados, cuidadosos, mas não são trabalhos de campo. E no Museu Nacional isso era impossível. Todos, no Museu Nacional, tinham que começar a carreira fazendo trabalho de campo. Para comparar a Antropologia de hoje com a Antropologia do tempo do Roquette [Pinto], eu costumo usar uma explicação baseada, um pouco, na história daqui, da França. Os antropólogos para se caracterizarem como profissionais, a primeira coisa que eles tinham que fazer era um trabalho de campo. Roquette Pinto foi a Rondônia,

escreveu Rondônia²; Heloísa foi a Marajó, escreveu trabalho sobre a biologia de Marajó, sobre a cerâmica, etc³; Raimundo Lopes⁴, que foi uma figura excepcional, estou aguardando a chegada de um livro com dois trabalhos raros dele e um prefácio meu chamado “Raimundo Lopes um Sábio Maranhense no Museu Nacional”. Ele foi meu professor de Etnologia, era extremamente competente, mas uma pessoa difícil.

Cadernos de Campo: Quais foram os trabalhos de campo que o senhor fez, professor?

Prof. Castro Faria: Eu percorri o Brasil todo fazendo trabalhos, sobretudo, com pescadores, fiz muita coisa. Eu fui muito ativo, muito criativo, nós criamos uma série de livros sobre pescadores. Eu escrevi o prefácio para o livro do professor Roberto Kant⁵, que é Phd de Harvard, é um professor de Antropologia aqui da UFF, que é muito meu amigo e foi meu aluno. Uma das coisas que eu fiz nestes últimos quatro anos foi criar essa série de publicações sobre Pesca Artesanal aqui no Estado do Rio e já publicamos várias teses,

2 ROQUETTE-PINTO, E. Rondonia. *Anthropologia. Ethnographia. Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, XX, 1917.

3 TORRES, Heloísa Alberto. *Cerâmica de Marajó: conferência*. Rio de Janeiro: Brasil Social, 1929.

4 LOPES, Raimundo. Os índios Urubus. Resenha de resultados da viagem no Gurupi (1930) e do estudo comparativo (Urubus-Tempés). *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 127-129, 1932.

5 KANT DE LIMA, Roberto & PEREIRA, Luciana. *Pescadores de Itaipu*. Niterói: EDUFF, 1997. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 8).

a dele, a do Diretor do Museu Nacional, Luis Fernando⁶, e a de Rosyan Brito sobre Arraial do Cabo⁷. Eu criei essa série e já publicamos vários desses estudos de comunidades de pescadores. Mas enfim, eu viajei o Brasil todo.

Quando eu cheguei da Europa em 1953 - eu fui bolsista na França, na Inglaterra - fui quase que direto para Arraial do Cabo, onde estavam fazendo uma pesquisa com o patrocínio do Museu, da Faculdade de Filosofia. Arraial do Cabo que, naquela época, respondia bem aos projetos de Antropologia, permitia perceber qual era o impacto das grandes indústrias sobre as pequenas sociedades, sobre as práticas artesanais, etc. Arraial do Cabo hoje é um senhor centro de turismo, é muito bonita. Eu ainda a conheci como arraial mesmo, uma aldeia de pescadores. Em 1953, eu fui para lá, trabalhei, ainda tem aí um monte de fotografias e de dados de pesquisa.

Cadernos de Campo: O senhor acha que a escolha do objeto passa por uma escolha individual de gostar ou de não gostar?

Prof. Castro Faria: Eu acho que passa necessariamente, porque não há possibilidade de se fazer uma pesquisa que seja inteiramente satisfatória sem ter condições de aproximação adequadas. Essa forma de aproximação depende muito dos seus interesses pessoais. Você se sente mais

à vontade trabalhando com um tema que seja grato a você, que seja agradável a você, que você se sinta recompensado por trabalhar com ele. Há outros, eu não vou falar o nome, também já é falecido, ele já morreu, era um professor catedrático lá da USP - eu sei porque eu financiei pesquisa dele no Xingu - que não podia fazer pesquisa de jeito nenhum, era uma pessoa que estava sempre com o dedo na cara de alguém, estava sempre pronto em ensinar e não em aprender. Veja, essa é uma das coisas fundamentais para a pesquisa antropológica: ter consciência de que a pesquisa representa muito mais um aprendizado do que um ensino. Você tem que se dispor a aprender coisas que você não sabe, que a Academia não ensinou, tem que estar preparado para isso. Isso é fundamental na pesquisa. A pesquisa exige um mínimo de interação com o pesquisado, uma atitude simpática. Eu fico à vontade porque eu gostava de pescar, pesquei muito, nadava, remava. E então, eu tenho um universo comum de discurso, eu falo e eles me entendem. Se vocês vão fazer pesquisa, vocês devem saber o que é isso. Para fazer pesquisa com uma comunidade rural, por exemplo, se você não souber ser simples, você não faz. Não faz e vai ser objeto de brincadeira, eles vão tentar ensinar para você aquilo que você não aprendeu. Não há possibilidade de um nível de interação realmente produtivo sem essa facilidade. Você não pode dizer que estudou uma coisa que você não gosta. Para estudar você precisa ter um mínimo de capacidade de ausentar-se do seu cotidiano, dos seus pensamentos mais predominantes, etc. Precisa ter a disposição de aprender. Eu acho que isso é fundamental, é a regra fundamental, é ter a disposição de aprender e não de ensinar.

6 DUARTE, Luiz Fernando Dias. *As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba*. Niterói: EDUFF, 1999 (Coleção Antropologia e Ciência Política; 18).

7 BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. *Modernidade e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo (RJ)*. Niterói: EDUFF, 1999. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 17).

Cadernos de Campo: O que o senhor pensa de pessoas que fazem parte de um grupo e que vão estudar o próprio grupo? Por exemplo, um pescador que estude pescador, um homossexual que resolva fazer pesquisa sobre homossexual, alguém de alguma religião que resolva estudar a própria religião, uma feminista que resolva estudar a mulher...

Prof. Castro Faria: Acho que a princípio não é conveniente, porque a percepção pode ser completamente desorientada pela convicção de que você é senhora de um conhecimento que é comum aos outros. É o que se proclama há muito tempo: quanto maior for o distanciamento é melhor. Não acho bom que essas pessoas já marcadas por uma opção estudem um grupo seu, porque, por exemplo, um homossexual, depois de ter assumido completamente a opção, ele já passou por um processo em que foi avaliado, foi discriminado, então tudo isso não favorece a percepção clara das coisas. Eu acho que o melhor é que a pessoa se distancie o máximo possível das características do grupo que ele vai estudar, porque ele terá muito mais facilidade em perceber o que é importante e o que não é importante.

Cadernos de Campo: E o senhor fazia diário de campo de todas as pesquisas?

Prof. Castro Faria: Fazia. Tem uma caixa com o nome de “cadernos de campo”. Tem cadernos de campo minuciosos. Eu trabalhei em arqueologia, então havia a cada nível, toda descrição. Trabalhei com feiras, até é um dos cadernos mais enfeitados, que eu mandei fazer cópia direta dos filmes de 35 mm e colava no caderno. Feira no interior da Bahia... Eu me divertia muito.

DESCREVER COM IMAGENS E TEXTOS

Cadernos de Campo: O senhor mencionou várias vezes, durante a entrevista, que fez muitos desenhos para o Museu Nacional. Sempre foi uma coisa muito importante o uso da imagem como informação também a ser trabalhada. O senhor poderia falar um pouquinho sobre o papel da imagem – da fotografia, do desenho – na pesquisa antropológica?

Prof. Castro Faria: Eu escrevi na Revista do Patrimônio Histórico um artigo sobre fotografia em antropologia⁸ e mostrei que é um instrumento indispensável de trabalho, porque a fotografia ajuda a destruir para construir. Eu mostrei fotografias de jazidas arqueológicas em que há um monte de pedras e mostrei que se eu não tirasse aquelas pedras do lugar eu não descobriria que lá embaixo tinha um esqueleto. Eu preciso destruir para construir. Na Arqueologia isso é inevitável. Mostrei também uma fotografia que é impressionante, porque eu fui caçar com alguns índios Nambiquara, que eles adoram matar tucano, por causa de um tufo de penas vermelhas que eles usam na decoração. O índio não é tolo, evidentemente, e eu doido para vê-lo atirar com arco e flecha, e ele certo de que arco e flecha em relação à espingarda não vale nada. Nós fomos à caçada e ele chamava os tucanos. Foi engraçado, porque ele chamava e eu não via, não via com a rapidez que ele esperava, então custava atirar e matar o tucano. Você sabe que existem pios

8 CASTRO FARIA, Luiz. O antropólogo e a fotografia: um depoimento. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, n. 27, p. 162-9, 1998.

de aves, os caçadores usam pios para atrair a caça e eu sempre fui incapaz de piar igual, mas eu fotografei o índio com as mãos na boca em determinada posição, chamando o tucano. Quer dizer, se não tivesse fotografia não adiantava, porque eu não tinha uma peça, essa peça que aqui nós chamamos de pio não existe, é simplesmente uma questão de posição da mão nos lábios. Eu fotografei e usei nesse artigo sobre fotografia para mostrar que se não fosse a fotografia, eu não teria trazido nada. Não existe pio, o pio é a posição da mão. A fotografia é indispensável. Eu fotografei muito em todas as viagens. Tenho uma ótima coleção de viagens de feiras, eu sempre tive um grande interesse por feira, já assisti feiras em vários lugares. Tenho muitas fotografias de pesca. Hoje a fotografia é fácil, antigamente era muito mais difícil. Eu me lembro lá do Museu, que o pai desse Oiticica que os modernistas adoram, era um fotógrafo excelente, membro de sociedades, tirou prêmio internacional. Eu sempre vivi muito ligado à fotografia e, no caso desse Oiticica, eu o acompanhava, porque eu era muito amigo do fotógrafo do Museu, que também era um excelente profissional, e o Oiticica, que era formado em engenharia, era técnico e fotógrafo amador. Ele usava fotômetro, aproximava o fotômetro, tirava de perto, tirava disso, daquilo, quando ele acaba de fazer toda aquela ginástica com o fotômetro, o fotógrafo do museu dizia abertura tanto, velocidade tanto. É porque o fotógrafo profissional dispensa essas coisas, ele percebe logo, mas o Oiticica não, ele era rigoroso, era engenheiro, acostumado a números, então o fotômetro para ele era realmente um instrumento adequado.

Cadernos de Campo: Considerando o que senhor escreveu, em seu livro *Antropologia no Brasil: Espetáculo e Excelência*⁹, e pensando em toda a história do Brasil, na tradição das exposições que Dom Pedro organizava, nas Exposições do Centenário, pensando também nas Exposições do Museu Nacional e, recentemente, nas Exposições dos 500 Anos, como o senhor pensa essas representações do Brasil? Qual o sentido dessas exposições para explicar o Brasil?

Prof. Castro Faria: Esse é um tema complexo, mas eu acho que a exposição continua sendo um instrumento de comunicação indispensável. Essa sociedade que nós chamamos moderna é uma sociedade que não pode dispensar meio nenhum de comunicação. Então, a exposição continua a ser um meio de comunicação fundamental. Nós pensamos nos museus antigos como formas zoológicas, botânicas, etc., mas nós temos exposição de Astronáutica! A exposição como meio de comunicação, de transmissão de conhecimentos, de excitação da imaginação, é indispensável e vai continuar existindo. A prova é que nós temos Museu Nacional com mais de século, mas nós temos exposições de Astronáutica! Os americanos estão aproveitando todo material para fazer exposições. Portanto, a exposição como técnica e como processo de comunicação continua ativíssima, deve ser praticada e é fundamental. Essa atividade é indispensável, porque os milhares de visitantes do Museu Nacional saem de lá

⁹ CASTRO FARIA, Luiz. *A Antropologia no Brasil: espetáculo e excelência*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ / Tempo Brasileiro, 1993.

realmente com outra visão do mundo. As exposições nunca vão desaparecer. Eu acho que serão cada vez mais presentes, só que, provavelmente, sob outras formas. Vocês trabalham com computador, vão à *internet* e podem consultar e podem procurar isso e aquilo, mas a forma mais elementar que é a de exibição de materiais, de peças e textos bem produzidos para provocar interesse...

Cadernos de Campo: Professor, nessas exposições atuais, por exemplo, nas exposições sobre os 500 Anos, o senhor não pensa que parece ter aí um retorno a um interesse sobre o primitivo?

Prof. Castro Faria: Essa é uma boa questão, mas não é fácil responder, porque na tradição historiográfica brasileira ninguém concebe uma história do Brasil sem índio, negro e português. E eu costumo dizer que o Brasil podia escrever história como escreve o americano, que teve índio e teve negro e não mistura nada. Estudam a civilização americana, aquilo que eles criaram, mas não é essa a forma tradicional de abordagem no Brasil. Eu já deixei de produzir um artigo para uma enciclopédia porque o esquema é esse. Eles obrigam a escrever sobre o índio, o negro e o português. Eu tento mostrar a eles que é possível escrever uma história do Brasil sem fazer essa referência sistemática e valorativa. A importância do índio é maior do que a do preto, ou ao contrário, a do preto era maior? Enfim, estão presos até hoje a essa forma de produzir uma história do Brasil, uma história que seja a história do índio, a história do negro e a história do português. Eu digo sempre, desafio os alunos: vejam a história americana! Eles não escrevem a história da América do

Norte, eles tiveram índios e tiveram negros, mas a história da América é outra coisa. Aqui não, aqui é muito forte a famosa trilogia e eu acho que isso tem que ser revisto. No Brasil, os nossos grandes escritores, os intérpretes da formação brasileira, hesitaram muitas vezes.

Cadernos de Campo: Professor, por que o título *Escritos Exumados*¹⁰?

Prof. Castro Faria: Por uma simples razão: é que eu acho, e acho que tenho razão, que as revistas especializadas são cemitérios onde são enterrados os artigos publicados. O Museu tinha os *Arquivos*, o *Boletim* e tinha uma distribuição para cada especialidade. Realmente, hoje, as revistas se tornaram muito mais úteis porque são menos pretensiosas, não pretendem abranger espaços muito amplos, mas antes, por exemplo, o Museu Nacional teve, desde 1923, uma publicação chamada *Boletim do Museu Nacional*, como o Museu Paulista tinha. Você tinha artigo de Zoologia, de Botânica, de etnografia tudo misturado. No fim, eu fiquei impressionado, eu aprendi isso com um colega nosso do Museu Nacional, que depois foi titular na USP, um alemão, professor de Geologia, um dia ele me disse: “Castro Faria, o que você faz com esses Boletins? Porque eu não posso guardar isso, eu não tenho espaço para guardar uma revista que tem Geologia, Botânica, Antropologia”. A parte que interessava a ele

10 CASTRO FARIA, Luiz. *Antropologia: escritos exumados 1. Espaços circunscritos: tempos soltos*. Niterói: EDUFF, 1998. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 13).

CASTRO FARIA, Luiz. *Antropologia: escritos exumados 2. Dimensões do conhecimento antropológico*. Niterói: EDUFF, 1999. (Coleção Antropologia e Ciência Política; 19).

poderia até não existir num número e ele não guardava. Isso me calou fundamente. Então, nessas publicações, o título é muito claro *Escritos Exumados*, estava tudo publicado, mas ninguém lia. Ninguém lia porque as publicações, vocês sabem que elas vão se tornando cada vez mais raras. As revistas especializadas acabam se tornando um veículo de comunicação, mas dentro de um circuito muito fechado, só os da mesma especialidade recebem a revista, ela não é vendida em banca de jornal, nenhuma delas. Eu ouvi uma vez de um colega: “pena, o Castro Faria publicou muito pouco”. Eu publiquei muito, só um volume desse tem 407 páginas, mas não era lido. Não só eu, qualquer outro, a situação é a mesma. Eu publiquei esses dois volumes só recolhendo artigos já publicados nos *Boletins do Museu Nacional*, *Anuário de Antropologia* e outras revistas, resolvi reunir tudo e publicar com esse nome.

SABER FAZER

Cadernos de Campo: O senhor acha que é possível se fazer uma antropologia urbana ou isto está muito próximo do que seria a sociologia?

Prof. Castro Faria: Eu acho que o importante é saber fazer Antropologia. Se é Urbana ou não, isso é secundário. O problema da escolha do objeto de pesquisa é um problema muito pessoal e que pode se chamar urbana, como pode se chamar rural. Enfim, eu acho que saber fazer Antropologia é o importante, e ela pode se tornar uma Antropologia Urbana, se houver interesse do pesquisador. Minha pergunta é sempre essa: que diferença faz você ter uma Antropologia Urbana ou não ter Antropologia com restrição nenhuma de área e nem de época?

Enfim, é preciso se ter uma Antropologia capaz de resolver problemas. Eu dei um curso na UFF, que se dizia na programação que mais importante que ler era fazer. Então, eles tinham que fazer pesquisas dentro da cidade. Um dia eu levei todos os meus alunos e alguns colegas ao mercado do peixe, porque aqui no mercado há um italiano que diz que me conhece há 30 anos, desde que fundaram o mercado, ele só vende camarão e carne de siri, é um italiano, um grande amigo meu. Eu já tinha estado no Maranhão e numa “base”, como eles chamam lá os restaurantes populares, onde eles servem o melhor camarão, o Maranhão é a terra do camarão, e o dono do restaurante vai na mesa de todo mundo, veio para a nossa e o grande orgulho dele era distinguir o camarão macho do camarão fêmea. Então, eu levei os alunos todos, os colegas inclusive, ao mercado do peixe. Eu tenho vários amigos lá, tem um que se chama Beleza, é feio como o diabo, é um nortista, Beleza. Todos me conhecem, eu entro, eles logo saúdam, chamam... Eu sempre tive muita facilidade de trabalhar com pescadores e com pesca e com peixe, porque eu pescava, eu fazia essas coisas. Eu os levei por causa, como eu falei, daquele italiano, que é aquele que só vende camarão e carne de siri e falei do negócio de macho e fêmea. Ele disse: “mas isso é tão fácil!” E mostrou um camarão macho e um camarão fêmea, separou e todos aprenderam. Enfim, essa coisa de fazer, porque é preciso, a pesquisa antropológica tem isso de especial: o pesquisador precisa ter a capacidade de se tornar simpático, agradável. Ele precisa de condições de trabalho, de condições favoráveis, e essas dependem dele, não adianta preparo acadêmico, é preciso saber trabalhar, é preciso ter essa forma de aproximação, de empatia. Acontece que, em geral, as pessoas

têm e adquirem com o tempo, aproveitando qualidades pessoais, mas ele não tem como trabalhar se não conquistar simpatia, sem ter formas de aproximação que sejam empáticas. A vida do pesquisador hoje depende disso, mas o que permanece é sempre essa pergunta: por que o interesse hoje por Antropologia? Antropologia era uma ciência que estudava sociedades primitivas. Todos eram preparados – aqui, na América do Norte, na Europa - eram preparados para produzir pelo menos uma monografia, uma tese, sobre um grupo primitivo. Eu sempre critiquei, inclusive, as formas extremadas dessas práticas porque levavam muitos profissionais, antropólogos a se referirem aos índios, aos primitivos como seus objetos pessoais, como propriedade. Eu assisti na França a um oficial da Marinha, que havia feito um estudo sobre esquimó e ele só se referia aos “meus esquimós”. Aqui no Brasil muitos se referiram às tribos que estudaram como propriedades suas, “meus índios”, “meus Tapirapé”. Isso é um absurdo, evidentemente. Hoje as coisas vão se transformando, cada dia mais, porque não é fácil obter permissão para trabalhar com o grupo indígena e o que nós chamamos de grupo indígena hoje é um grupo em contato com a sociedade brasileira, em contato mesmo, com instrumentos de comunicação adequados. Eles estão dentro do mundo e as sociedades primitivas eram sociedades que estavam restritas a um determinado território. A coisa mudou muito e vai mudar cada vez mais. Vocês são moças, vão apreciar essas mudanças.

Cadernos de Campo: Professor, eu gostaria de devolver uma pergunta que o senhor fez durante a entrevista: por que a Antropologia continua a interessar?

Prof. Castro Faria: Pois é! Está aí uma pergunta que eu não sei responder, porque a Antropologia, eu tentei mostrar a vocês, mudou muito nesses últimos anos, mudou muito, e eu passei por esse processo. Eu comecei com a Expedição com o Lévi-Strauss atravessando o Mato Grosso inteiro, tendo contato com várias tribos e essa era uma forma, inclusive, de qualificação. O Lévi não seria, na Europa, um Etnólogo, se ele não tivesse imaginado e realizado essa expedição. Mas olha, isso foi em 1938 e nós estamos em 2001. Hoje, primeiro que a cidade, o lugar chamado Vilhena, que eu levei meses para alcançar em lombo de burro, só tinha uma casa, um posto telegráfico, hoje eu vou de *Boeing*, a área se transformou completamente. Há um trecho de um livro americano, Clark Wissler sobre índios americanos, foi uma das primeiras coisas que me fizeram ler, obrigatoriamente, lá no Museu Nacional, e ele diz no prefácio, que os americanos não têm mais índio para estudar, eles tinham estudado tudo, então o que a Antropologia tinha a fazer, era usar os métodos dela para estudar as pequenas comunidades. É quando surge claramente essa passagem da área de sociedades tribais que os americanos já tinham estudado todas para os estudos de pequenas comunidades americanas, surgem dezenas de estudos de comunidades. Aqui no Brasil nós também passamos a estudar comunidades como um objeto à disposição e o abandono do estudo das sociedades tribais. A razão está claramente expressa: não tem mais nada a estudar sobre índio. Na América está escrito isso. E com os métodos antropológicos, quer dizer, observação direta, convivência, começaram a surgir estudos de pequenas comunidades americanas. Aqui aconteceu

a mesma coisa. Nós estudamos, no ano passado, retrasado, nós ministramos um curso no Museu com o professor Moacir Palmeira sobre estudos de comunidades. Nós temos um número apreciável de estudos. O antropólogo voltou-se para isso. Aqui no Brasil surgiram vários estudos e agora está sendo reeditado o livro do Antônio Cândido, “Parceiros do Rio Bonito”.

Cadernos de Campo: Nós queríamos perguntar sobre as tradições antropológicas no Brasil tanto no período de formação da Antropologia como atualmente. O senhor acha que existe uma tradição antropológica brasileira?

Prof. Castro Faria: Que existe uma tradição antropológica brasileira é indiscutível, só que ela não estava na universidade. É preciso ter sempre em mente que o lugar da Antropologia até 1940 não era a universidade. Na universidade só tinha escolas profissionais liberais, elas só formavam médicos, engenheiros, advogados, etc. Ninguém precisava de Antropologia, mas o Museu Nacional publica Antropologia desde 1876, no primeiro volume dos *Arquivos do Museu Nacional*. Publica a Antropologia que se fazia na época. Estudava-se crânios de jazidas arqueológicas, depois se passou a estudar populações brasileiras. Hoje as transformações são tão grandes que eu chamo a atenção dos alunos: esperem uma copa mundial, quando focalizar o time da Holanda ou da Suécia, olhem para lá! O que vocês encontram? Pretos, gente de todas... E a tradição continua: primeiro, cantam o hino nacional para um time que é composto de indivíduos de várias nacionalidades.

Todos os times europeus hoje têm uma quantidade de jogadores de várias cores, de várias nacionalidades. Enfim, é esse problema que eu acho que vejo claramente porque eu fui antropólogo, antropólogo físico inclusive, que trabalhava com raças e variações raciais. Hoje a globalização é a negação disso tudo. É inútil você pensar em separar, porque a ideologia mundial é a de aproximar, de igualar. Antigamente era o contrário, era de separar. Eu fui antropólogo que trabalhava com pesquisas métricas, separava os grupos raciais, não tinha dúvida nenhuma que um grupo de suecos ou noruegueses era um grupo de gente alta, clara, loira, dolicocefala. Hoje um time de futebol tem uma mistura de gentes, de muitos profissionais de vários países. É o mundo que está mudando, as ciências têm que mudar. A Antropologia que eu fazia não tem mais sentido nenhum. A preocupação básica da Antropologia, dessa Antropologia no sentido europeu, a Antropologia biológica, física, o objetivo dela era separar, era distinguir. Hoje ninguém quer separar...

Cadernos de Campo: É por isso que não tem mais Antropologia Física no Brasil?

Prof. Castro Faria: Tem, mas não tem importância nenhuma. Nem aqui e nem na América do Norte. Foi uma área de conhecimento que perdeu muito da importância e é fácil compreender, era uma ciência que se preocupava exatamente em distinguir, separar e hoje, com a globalização, a ideologia é contrária, é reunir todo mundo, não é distinguir, não é separar.